

Literatura de ficção, escola e utopia¹

Ricardo Azevedo

No final de seu livro *A letra e a voz*, o suíço Paul Zumthor, estudioso da oralidade e do discurso oral, diz que:

“o complexo é muitíssimo mais provável do que o simples, e o uno é muitíssimo menos provável do que o diverso.”

Creio que a literatura seja algo muito complexo e diversificado. Não pode ser vista como uma essência ou um elemento monolítico, isolado e único: “a” literatura.

Não! Para mim a Literatura lembra mais uma rica e frondosa árvore cheia de galhos e esses galhos representam diferentes literaturas todas legítimas e todas irmãs pois nasceram de um mesmo tronco.

Não podemos esquecer porém que as literaturas são expressões da sociedade em que são produzidas.

Para o sociólogo Norbert Elias, a literatura é sempre “testemunho e expressão de um certo nível de consciência”.

Naturalmente, numa mesma sociedade e ao mesmo tempo, podem existir diferentes níveis ou modelos de consciência.

Universitários vêem coisas que analfabetos não costumam ver. Assim como analfabetos vêem coisas que universitários não conseguem enxergar.

Parece razoável pensar que nos tempos individualistas, tecnológicos e consumistas em que vivemos, as pessoas têm sido levadas a enxergar e valorizar mais as coisas – dinheiro, automóveis, marcas, *selfies*, *gadgets*, topetes, tatuagens, símbolos de *status* – do que a valorizar as outras pessoas.

Vivemos creio num ambiente de grande analfabetismo político e social.

O “modelo de consciência” dominante, para ficar com o termo de Norbert Elias, parece ser essencialmente técnico e a técnica é utilitária, impessoal e higiênica, classifica, analisa, controla e determina a função de tudo.

Além disso, a técnica calcula, projeta, fabrica, comercializa e visa o menor custo e o maior lucro.

Para alguns (Hannah Arendt em *A condição humana*) a “racionalidade” nada mais é do que o “cálculo das consequências”.

É preciso reconhecer que nem tudo é “previsível”. Uma ideia nova, por exemplo.

Pretendo falar sobre literatura juvenil – o assunto principal aqui – mas antes quero dizer que num ambiente apenas técnico, impessoal, consumista e utilitarista – tempos, volto a dizer, de analfabetismo político e social – sinto que duas palavras andam cada vez mais desacreditadas: uma é a “ficção” e a outra é a “utopia”

¹ Artigo para *RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL 5*, Zoara Failla org. Editora Sextante, Itaú Cultural e Inst. Pró-Livro, 2021. Baseado em conferência dada pelo autor no IX Congreso de Literatura Infantil y Juvenil LECTURA Y LITERATURA JUVENIL na Casa de la Literatura Peruana, Lima – Peru – 3 de Abril de 2019.

É fácil escutar por aí vozes dizendo com tom de desprezo: “Isso é bobagem! Isso é ficção! Isso é só utopia!”

Eis porque muitos pais, naturalmente utilizando seu “cálculo das consequências”, perguntam aflitos: para que gastar dinheiro com literatura? Por que não dão ao meu filho apenas livros técnicos, didáticos e úteis?

São visões equivocadas.

Prefiro lembrar de Mikhail Bakhtin para quem “a ficção é uma forma de experimentar a verdade”.

Falar de literatura significa falar de ficção e de linguagem subjetiva.

Por meio da ficção e da linguagem, criamos situações humanas complexas que não aconteceram mas poderiam ter acontecido e a partir daí temos chance de pensar melhor sobre a vida e o mundo.

Trago abaixo um texto de ficção.

Trata-se de uma narrativa popular recontada por Ítalo Calvino:

O imperador Carlos Magno, já em avançada idade, apaixonou-se por uma donzela alemã. Os barões da corte andavam muito preocupados vendo seu soberano entregue a uma paixão amorosa que o fazia esquecer sua dignidade real e negligenciar os deveres do Império. Quando a jovem morreu subitamente, os membros da corte respiraram aliviados, mas por pouco tempo, pois o amor de Carlos Magno não morreu com ela. O imperador mandou embalsamar o cadáver e transportá-lo para a sua câmara, recusando separar-se dele. Apavorado com essa paixão macabra, o arcebispo Turpino suspeitou que havia ali um sortilégio e quis examinar o cadáver. Oculto sob a língua da morta, encontrou um anel com uma pedra preciosa. A partir do momento em que o anel passou às mãos de Turpino, Carlos Magno apressou-se em mandar sepultar o cadáver e transferiu seu amor para a pessoa do arcebispo. Turpino, para fugir àquela embaraçosa situação, atirou o anel no lago Constança. Carlos Magno apaixonou-se então pelo lago e nunca mais quis se afastar de suas margens.

Pergunto: quantos temas complexos da vida humana são tratados neste texto de pura ficção e em tão poucas linhas?

Pergunto: que livros técnicos ou didáticos tratam dessa forma de temas assim?

Seria um erro reduzir a narrativa recontada por Calvino a perguntas do tipo “Qual a mensagem”? “Qual a interpretação”? São muitas mensagens e muitas interpretações.

Também seria um erro determinar para que faixa etária o texto foi criado. Para quê? Cada um que ouça ou leia essa narrativa como puder!

Antes de continuar, vamos falar sobre utopia. Basta olhar para trás:

Se no século XVII eu dissesse que vim voando de São Paulo a Lima em 5 horas – duração da viagem de avião nos dias de hoje – seria considerado bruxo, ia ser preso e talvez queimado vivo.

Imaginem uma pessoa do século XVII ouvindo falar em internet, google, redes sociais, drones, inteligência artificial, robôs, clonagem, engenharia genética etc.!

Tento dizer que a realidade do presente de certa forma já foi uma utopia no passado.

E algo importante: a utopia do passado foi criada a partir da imaginação e da capacidade ficcional dos homens.

Toda utopia nada mais é do que um produto da ficção humana.

Apesar de vivermos num tempo tecnológico, cercados de inteligência artificial e instrumentos de controle e mensuração, ainda não temos respostas para questões básicas:

Onde fica o universo?

O que é o tempo?

O que é a consciência?

O que é realidade e o que é ficção?

Sabemos o que disse Descartes: “Penso logo existo”. Mas...quem somos nós?

Trago mais uma pergunta: para que fazer projetos se sabemos que vamos morrer?

Sei que é possível dar diferentes respostas a essa pergunta, mas quero propor mais uma: mesmo sabendo que vamos morrer, por que não aproveitar que estamos vivos para criar projetos que busquem construir um mundo melhor do que este em que vivemos hoje?

Creio que todos nós, inclusive nossas crianças e jovens, deveríamos ter esse desafio constante, essa missão, esse sentido e essa utopia: ajudar a construir e inventar um futuro melhor para os que estão no mundo e para os que ainda não nasceram.

E para fazer isso esse jovem – vamos ficar nele – vai ter que estudar e aliar seu conhecimento à sua capacidade de inventar, ou seja, sua capacidade de fazer ficção e criar utopias.

Temos muitos problemas no mundo: a pobreza e a fome; o analfabetismo; o racismo; as guerras; a violência contra a mulher; a violência contra a criança; a violência contra as minorias; governos não democráticos e corruptos; a destruição do meio ambiente por razões econômicas etc.

Acho que todos nós e, principalmente nossos estudantes, deveríamos estar engajados e saber que – para além de nossas questões privadas – precisamos abrir um espaço em nossas vidas para criar uma utopia: combater as mazelas do mundo de modo a tornar no futuro nossos países e nosso mundo mais equilibrados, civilizados e justos.

Trata-se de uma questão de ética, de civilização e de educação política.

Queremos ou não queremos que nossos jovens tenham consciência da sociedade e do mundo em que vivem e queiram participar de sua construção e de sua melhoria?

Na minha visão um jovem despolitizado, sem um mínimo de cultura humana e sem utopia – um analfabeto político e social – é um barril de pólvora pronto para explodir: é muita energia para apenas examinar o próprio umbigo e só pensar em consumir, usar o *whatsapp*, comprar tênis e celulares e jogar videogames.

Isso sem falar nos jovens que por serem pobres não puderam estudar e são prisioneiros do trabalho braçal e da ignorância.

Lembro e repito: a criação da utopia depende da capacidade de criação das pessoas e essa capacidade tem a ver, entre outras coisas, com a ficção: a arte de imaginar o que não existe mas poderia existir.

Neste sentido, podemos aprender muito com a literatura e a poesia.

Elas são formas de ficção e, como ensinou o filósofo Richard Rorty, de “redescrição” da realidade

Redescrições são recriações e estas podem nos humanizar e ampliar nossa consciência e nossos horizontes.

Por meio de personagens de ficção, penso em Dom Quixote ou Madame Bovary ou Peter Pan ou Alice e seu país de maravilhas– todos personagens que nunca existiram mas poderiam ter existido – podemos pensar e repensar muita coisa a respeito de nós mesmos, da vida e do mundo.

A partir da literatura podemos nos redescrever como pessoas. A literatura tem o dom de ampliar nosso vocabulário subjetivo. Não me refiro apenas ao número de palavras mas, sim, a palavras que entram no nosso vocabulário de forma inesperada, para expressar, expandir, ressignificar, “redescrever” nossos sentimentos, nossa visão política e social, nossa leitura da vida e do mundo.

Tento dizer que o novo vocabulário pode permitir que digamos uma coisa que nunca tínhamos dito antes a ninguém, nem a nós mesmos. Não é pouco.

Nos dias de hoje – pelo menos no Brasil – existem poucos adultos leitores de literatura e poesia. A ideia corrente de leitura hoje é apenas utilitária e está cada vez mais associada a manuais técnicos e informativos. Sem falar no *google*.

Vamos pensar na chamada literatura “juvenil”.

“Juvenil” é principalmente um conceito cultural.

Faixas de idade são noções culturais e olhando bem, numa sociedade de consumo, são fatias de mercado.

É uma divisão de pessoas tão milimétrica que daqui a pouco teremos poesia para mulheres separadas de 32 anos.

Estou entre aqueles que preferem que a literatura trabalhe não com as diferenças – sempre ocasionais e provisórias – mas com as semelhanças entre todas as pessoas e aborde assuntos que possam criar identificações entre crianças, jovens e adultos. Todos ficamos apaixonados, todos temos dúvidas, podemos sofrer, temos medo, gostamos de conforto, sonhamos, detestamos ser humilhados, temos contradições e todos, fatalmente, um dia morreremos.

Prefiro imaginar que um jovem examine seu avô e pense: “como esse cara é parecido comigo!”

Prefiro lembrar que um homem de 80 anos de idade nunca teve 80 anos antes. Neste sentido é um aprendiz análogo a um menino de 8 anos de idade.

Uma coisa é certa: a literatura não trabalha com objetividade e raciocínio aritmético onde 2 mais 2 é sempre igual a 4.

Na literatura 2 mais 2 pode ser igual a 1, a 3 ou a 7.

Até porquê a lógica, a ciência e a técnica não dão conta de tudo.

De que adianta, numa guerra, saber que nela existem moléculas e átomos?

De que adianta para um homem apaixonado saber que a mulher amada tem esqueleto, fígado, rins, pâncreas, moléculas, átomos e cromossomos?

A literatura trabalha com subjetividades. Eis porque ela não deve trazer respostas nem lições mas, sim, fazer perguntas e lançar hipóteses.

Fora isso, na literatura, cada caso é um caso.

Vou adaptar o que disse Zumthor: na literatura “o complexo é muitíssimo mais provável do que o simples, e o uno é muitíssimo menos provável do que o diverso.”

A literatura trabalha com assuntos que ninguém sabe. Assuntos que não podem ser ensinados. Assuntos subjetivos. Assuntos que jamais trazem uma resposta única. Fiz até uma lista.

A mortalidade (a efemeridade): é preciso lembrar que se fossemos imortais não teríamos civilização, cultura, sociedade, livros, literatura, nem coisa alguma. Pra quê?

A busca do parceiro amoroso

A busca do autoconhecimento e da identidade ou, como diz Richard Rorty, as “formas privadas de lidar com nossa própria finitude”

A construção da própria voz (nossa subjetividade)

A luta do velho contra o novo (tradição op. modernidade)

As iniciações

As contradições e ambiguidades humanas (dois amores, a escolha de Sofia, o conflito entre o interesse particular e o interesse público etc. Para Richard Rorty, a contradição deve ser definida hegelianamente como a “colisão do Bem contra o Bem”) etc.

São assuntos cotidianos, banais e complexos ao mesmo tempo.

Atenção: não estou me referindo a temas pré-existentes que tiramos de uma caixinha mas, sim, a assuntos que detectamos durante a feitura do texto ou durante sua leitura. Muitas vezes quando estou escrevendo, paro e pergunto: afinal sobre o que estou escrevendo? Tomar consciência de certos assuntos, que permeiam o texto, tem ajudado a desenvolver e a focar melhor meu trabalho de escritor.

Não acho tão importante saber se a literatura é “infantil”. “juvenil”, “adulta” ou outra. O que está em jogo, creio, são basicamente duas coisas: 1) o tipo de linguagem utilizado e 2) o grau de abstração ou especialização ou erudição do assunto tratado.

Textos complicados, eruditos, idiossincráticos demais, que exageram na experimentação, que tratam de assuntos que exigem abstração ou um conhecimento especializado, podem ser muito bons mas não servem para jovens e, atenção, jamais serão populares.

Por outro lado, textos que sirvam a ideologias, religiões e militâncias, ou textos politicamente corretos, por si só, não podem ser considerados literatura. São peças de propaganda e proselitismo.

Ideologias e militâncias podem até surgir numa obra literária mas de forma secundária. O importante, o que interessa e o que buscamos na literatura são trabalhos consistentes tanto no plano da forma como no plano do conteúdo .

Ao escrever um texto ou a analisar uma obra literária devemos procurar: a originalidade, a capacidade ficcional, recursos como a metáfora (imagine um livro técnico escrito por meio de metáforas!), a exploração inventiva e consciente da linguagem, o discurso marcada pela subjetividade e coisas assim.

Seja para crianças, jovens ou adultos, uma literatura de boa qualidade sempre foi e sempre será algo muito difícil de fazer.

Sei que talvez existam livros mais apropriados para adultos, principalmente pela linguagem mais densa ou fragmentada, por temas mais abstratos ou que demandam conhecimento prévio ou por serem demasiadamente transgressores se considerarmos o leitor imaturo e facilmente influenciável.

Não creio, porém, que existam assuntos exclusivamente para crianças ou para jovens.

Como escritor, prefiro textos que por meio da ficção tratem de “assuntos que ninguém sabe”: paixões, ambiguidades, contradições, ansiedades e perplexidades humanas mas desde que sejam tratados de forma compreensível ao maior número de pessoas.

Vou dar uns exemplos de porque a literatura e a poesia podem ser muito importantes.

Fiz questão de selecionar textos não considerados para jovens.

Quem pode dizer que nunca sofreu uma frustração? Todos nós já sofremos, tivemos nossos desejos contrariados, tivemos que nos conformar ou desistir de um sonho. Ao encontrar esse assunto num texto, nós podemos repensar ou redescobrir nossos sentimentos e, ao mesmo tempo, lembrar que ele não é só nosso e sim é humano e relativo a todos nós. Vejamos o poema “Canção” de Cecília Meireles:

*Pus meu sonho num navio
E o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar*

*Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.*

*O vento vem vindo de longe,
A noite se curva de frio;
Debaixo da água vai morrendo
Meu sonho, dentro de um navio...*

*Chorarei quanto for preciso
Para fazer com que o mar cresça,
E o meu navio chegue ao fundo
E o meu sonho desapareça*

*Depois, tudo estará perfeito:
Praia lisa, águas ordenadas
Meus olhos secos como pedras
E as minhas duas mãos quebradas*

Para quem tem a sorte de viver numa sociedade pacífica e socialmente equilibrada (muitos brasileiros, porém, infelizmente vivem no meio de uma guerra entre polícia e traficantes), em geral falar em guerra pode ser algo um pouco abstrato e distante. Certos textos podem fazer a gente redescrever a gente mesmo ao estabelecer identificação com pessoas que estão na guerra e seu sofrimento. Vejamos o poema “Vietnã” de Wislawa Szymborska:

*Mulher, como você se chama? – Não sei.
Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.
Porque cavou esse buraco no chão? – Não sei.
Desde quando você está aí escondida? – Não sei.
Por que mordeu minha mão? – Não sei.
Não sabe que a gente não vai te fazer nenhum mal? – Não sei.
De que lado você está? – Não sei.
É guerra, você tem que escolher. – Não sei.
Tua aldeia ainda existe? – Não sei.
Esses são teus filhos? – São.*

Trago agora um trecho do poema “No caminho com Maiakovski” de Eduardo Alves da Costa:

*(...) Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem;
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia, o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,*

*arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada (...)*

A quantas e quantas redescições este texto corresponde! Estamos redescrivendo ditaduras? Estamos falando da corrupção? Estamos redescrivendo traficantes de drogas? Estamos usando outras palavras para falar de uma doença como câncer ou aids?

Pessoas de todas as idades, crianças, jovens e adultos podem sentir e sentem angústia. Textos que trazem esse sentimento humano com clareza e de forma compartilhável podem nos tornar mais humanos. Vejamos o poema “Assombros” de Affonso Romano de Sant’Anna:

*Às vezes, pequenos grandes terremotos
ocorrem do lado esquerdo do meu peito.*

Fora, não se dão conta os desatentos.

*Entre a aorta e a omoplata rolam
alquebrados sentimentos.*

*Entre as vértebras e as costelas
há vários esmagamentos.*

*Os mais íntimos
já me viram remexendo escombros.
Em mim há algo imóvel e soterrado
em permanente assombro.*

Peço licença agora para trazer um poema escrito por mim. “Pássaro” está no livro *Feito bala perdida e outros poemas* e costuma ser lido por adolescentes, mas não só.

*A verdade não se prende em gaiola
Não se derruba com tiro
Nem se mata para comer*

*A verdade apresenta espécies variadas
Sua roupagem é transparente embora opaca
Seu bico reinventa todos os cantos*

*A verdade voa para opostas direções
Tem usos e costumes contraditórios
Pousa inefável em galhos imensuráveis*

*Invisível, a verdade é infinita a olho nu
Pode existir de múltiplas maneiras*

Sua beleza esconde ensina ilumina e confunde

A verdade é revelação rude e selvagem

*De seu corpo inconstante transcende lento e veloz
O pássaro que jamais imaginamos.*

Tento mostrar que a poesia – na verdade, a Literatura – independentemente de faixas de idade, pode fazer descobrir e redescrever sentimentos profundos que habitam dentro de nós.

Creio que qualquer modelo educacional digno deste nome não poderia deixar de ter como um ponto fundamental a literatura, a poesia e a arte.

Vale notar que quando falo de ficção me refiro a criações e redescições que têm a ver com a vida humana concreta. Nada a ver com literatura apenas de entretenimento, enredos politicamente corretos, historinhas alienadas inspiradas em games, passatempos mentais etc.

A meu ver as drogas e analgésicos, assim como os games, a televisão ou *facebook* e *instagram* ligados o tempo todo em todos os ambientes têm a ver com uma certa literatura alienante e alienada que têm infestado nossa cultura e nossos jovens.

A literatura de ficção e a poesia são coisa séria. Jamais mentem pois são tentativas subjetivas de experimentar a verdade. Fazem repensar, redescrever, ressignificar a vida, a nós mesmos e os outros.

Vou concluir com um poema de Fernando Birri (apud Eduardo Galeano),
“Utopia:

La utopía
está en el horizonte.
Me acerco dos pasos,
y ella se aleja dos pasos
Camino diez pasos,
y ella se corre diez pasos más allá.
Por mucho que yo camine,
nunca la alcanzaré.
Entonces:
¿para qué sirve la utopía?
Para eso...
para caminar.

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah, *A condição humana*, Forense Universitária, 2014.
AZEVEDO, Ricardo. *Feito bala perdida e outros poemas*, Ática, 2007.
BAKHTIN, Mikhail Problemas da poética de Dostoiévski, Forense-Universitária, 1981.
CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*, Companhia das Letras, 1991.
ALVES DA COSTA, Eduardo. *No caminho com Maiakóvski*, Editora Círculo do Livro, 1988.

- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduo*, Jorge Zahar Editor, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Poesias completas – Viagem e Vaga música*, Civilização Brasileira, 1973.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Martins, 2007.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Lado Esquerdo do Meu Peito*, Ed. Rocco, 1992.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*, Companhia das Letras, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*, Companhia das Letras, 1993.

